

Saúde pública no DF

Antônio Luiz R. Campos *

Oatendimento à saúde pela SES/DF é uma exceção do quadro nacional do setor. Em primeiro lugar porque atende com exclusividade 85% da população num total de 5.500.000 procedimentos anuais, já incluídos 25% de usuários oriundos dos estados próximos. Em segundo porque a rede da SES/DF é abrangente, e hierarquizada da atenção básica à de alta complexidade. Em terceiro porque a iniciativa privada através da terceirização do SUS atende apenas a parte das necessidades em hemodiálise.

O Governo Democrático e Popular do DF, desde sua instalação entendeu necessária uma ampla reforma no modelo assistencial existente visando a racionalização, a maior resolutilidade e a humanização das ações.

No ano de 1997 iniciou-se efetivamente a obtenção dos resultados destas intenções.

A reestruturação física da rede significou amplas reformas, 200.000 m², em todos os hospitais e centros de saúde que terão continuidade em 1998, num total de mais de 100 grandes obras, 80% delas financiadas através do Orçamento Participativo 96 e 97 do GDP. Praticamente nada mais há que construir ou reformar no setor. O desabastecimento, o atraso do pagamento de fornecedores, as irregularidades e desvios eram a regra antes de 95. Hoje reestruturados os setores responsáveis, tapados os ralos da corrupção; compra-se mais e mais barato, sem atrasos de pagamento e com abastecimento total e permanente. Só um exemplo: a grama da cefitrixzona (um antibiótico) caiu de R\$ 34 em 1994 para R\$ 3,60 em 1997. Da seringa ao oxigênio, do esparadrapo ao tomógrafo, falta quase nada na SES/DF.

O grande e definitivo passo na mudança do modelo, deu-se pela instalação do *Programa Saúde em Casa*, que atende nas localidades mais carentes do DF 650 mil pessoas, com 130 equipes num total de 1.300 profissionais em atuação. Até o final deste mês, o programa atenderá 950 mil pessoas no DF. Neste momento inicia-se dentro deste pro-

grama a assistência dentária preventiva e corretiva.

Em fase de planejamento para o primeiro trimestre, a complementação de cobertura além de 950 mil usuários do programa.

Entre outros parâmetros, o DF ostenta hoje a menor taxa de mortalidade infantil do Brasil, 17,6 por mil crianças nascidas vivas, os mais altos índices de vacinação, queda de 50% de cáries em crianças, 100% de partos hospitalares, controle absoluto do sangue coletado, auto-suficiência na produção de albumina humana, manutenção complementada do fornecimento dos medicamentos anti-Aids, criação do Hospital Dia/Aids e COAS (Centro de Orientação e Assistência Sorológica/Diagnóstico de Aids em Anônimo), 500 vagas em residência médica e extensão para Odontologia, Enfermagem, Nutrição e Saúde Mental em 1998, reestruturação da assistência de alta complexidade, implementação da gestão democrática e controle social.

Neste ano, na avaliação do Ministério da Saúde sobre as gestões estaduais em Saúde o DF obteve a quinta melhor média nacional.

Boa parte destes avanços não seria possível sem o forte investimento do GDP/DF no setor Saúde que passou de 5% do orçamento da SES em 94 para 30% em 1998. A SES/DF em movimento contra hegemonias, assim como o atual governo do DF, empregou e não demitiu, não privatizou, implementou na qualidade e quantidade todas as suas ações, colocando-se portanto como alternativa aos modelos privatistas neoliberalizantes em experimentação Brasil afora. Os gargalos do Recurso Humano insuficiente, das demandas cirúrgicas e do secundarismo reprimidos, merecem todo o esforço de solução ao próximo ano.

Em síntese, 1997 chega ao final tendo a SES/DF cumprido e até ido além de suas metas, sem pretender entretanto ter resolvido e encaminhadas todas as demandas, aparecendo para nossa sociedade como o real e efetivo executor do SUS, forte disseminador da melhor justiça social.

* Secretário da Saúde em Exercício